

07 AGO 1998

ECONOMIA & TRABALHO
A do BrasilPROMESSA DE
FHC JÁ ESTÁ
COMPROMETIDA

Vai ser difícil para o governo cumprir a promessa feita pelo presidente Fernando Henrique Cardoso nas comemorações dos quatro anos do Real de fazer a economia crescer 2% neste ano. Economistas das mais diferentes tendências estão refazendo as contas e apostando numa expansão do nível de atividade de apenas 1% em 1998.

As autoridades já reconhecem o desaquecimento exacerbado da economia. O secretário de política econômica do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, admitiu que a economia está andando mais devagar do que o esperado e que a produção perdeu fôlego entre maio e junho, quando deveria estar retomando o caminho de alta.

A situação não mudou nem mesmo depois das inúmeras tentativas oficiais de injetar ânimo novo nos empresários, com a redução do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), de 15% para 6%, e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos carros. Uma fonte da área econômica garante que até agora a atividade ainda não deu sinais de reativação. O jeito é esperar e torcer para que a retomada aconteça de fato, porque, caso contrário, até a meta de crescimento para 1999 estará comprometida.

A conta é simples, segundo esse interlocutor. Se o nível de atividade insistir em ficar baixo, a economia entra no próximo ano muito desaquecida. Até recuperar o ritmo e registrar índices favoráveis, meses teriam sido consumidos. É bom lembrar que o primeiro trimestre do ano costuma ser muito ruim por causa das férias e do carnaval.

Como, então, crescer em 1999 os 4% prometidos pelo presidente na

euforia das comemorações do Real? Essa autoridade faz as contas e não encontra nada acima de 3%, numa previsão já bastante otimista.

A situação é mesmo muito séria e inesperada. Os economistas consideram que a menor inflação já registrada no Brasil em 49 anos está sendo produzida pela falta de dinheiro no bolso das pessoas. Com os salários estacionados e com dívidas por pagar, o poder aquisitivo dos brasileiros entrou em crise.

“O nível de deflação pode ser associado à queda da renda”, avalia o economista do Banco Boreal, Élson Telles. Para os economistas do Bic-Banco, Paulo Mallmann e Luiz Rabi, a deflação é mais um indicador que confirma a estagnação da atividade econômica. O próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirma o desastre. Em junho, a produção industrial caiu 1,5% em relação ao mês anterior, quando foi registrado um aumento excepcional. Mesmo assim, o patamar de produção de junho é o segundo mais elevado do ano.

“Estamos assistindo a um movimento geral de contenção de gastos”, diz Élson Telles. “O desemprego está grande e quem está empregado tem medo de ter dificuldades no futuro. Na dúvida, os gastos estão sendo adiados e o dinheiro, guardado.”

É o que explica o excelente resultado da poupança nos últimos meses. Desde junho, há mais depósitos do que saques. Só no mês passado, o saldo das cadernetas cresceu R\$ 481 milhões, passando de R\$ 98,8 bilhões para R\$ 100,2 bilhões. Alguns técnicos do Banco Central atribuem o aumento dos depósitos às mudanças no redutor da Taxa Referencial de Juros (TR), que tornou a aplicação mais atraente nos últimos meses.

Os economistas interpretam de outra forma: quem pode, está guardando um pouco para possíveis emergências. A fórmula da dupla Mallmann-Rabi para impulsivar a economia passa necessariamente por uma atuação mais firme das autoridades.